

# INCONSTITUCIONAULYSSESAMENTE

Arte  
(auc)  
Segundo Caderno

O trabalho vencedor, de Brígida Baltar

p 3

Com o tema 'Uma bandeira para a Constituinte' e 46 trabalhos, será inaugurado hoje, no mezanino da Estação Carioca do Metrô, mais um Salão Carioca de Arte

ALEXANDRE MARTINS

"Inconstitucionalmente". Escrito em grandes letras negras sobre uma faixa de tecido branco, esse trocadilho de 29 letras é a melhor proposta, plástica e política, que os artistas plásticos cariocas têm a oferecer à Assembleia Nacional Constituinte. Pelo menos na visão do júri de cinco artistas e críticos de arte que selecionou 46 das 205 obras inscritas no 11º Salão Carioca de Arte que será inaugurado nesta segunda-feira, às 18 horas, no mezanino da Estação Carioca do Metrô com o tema "Uma bandeira para a Constituinte".

Esta palavra é a obra da artista Brígida Baltar, 27 anos, primeiro prêmio do salão (o segundo lugar ficou com o escultor Maurício Bentes e o terceiro com a desenhista Marly Bolina), que define seu trabalho como a resposta de sua geração à decepção com a classe política.

— Eu quis fazer uma brincadeira, meio violenta, mas que reflete a minha visão do político brasileiro. Não queria uma coisa plástica, visual, mas uma declaração contra esse discurso político que não tem nenhuma relação com a realidade brasileira, contra a atitude carreirista dos políticos profissionais. Não acredito que essa Constituinte vá alterar qualquer coisa no país, e acho que a prática política deve ser diferente. Minha bandeira é esta.

Com um tema como este, os artistas foram obrigados a adaptar suas obras; e o resultado que será apresentado no salão acabou assumindo um caráter mais político do que plástico. Para falar do que desejam para o país, os artistas apresentaram pouca inventividade, se limitando em sua maioria a fazer uso do quadrado e do retângulo da bandeira nacional, nas cores verde, amarela e azul. "Com tanta mesmice, tivemos muita dificuldade em fazer a seleção", diz o crítico Geraldo Edson de Andrade, um dos membros do júri, acrescentando:

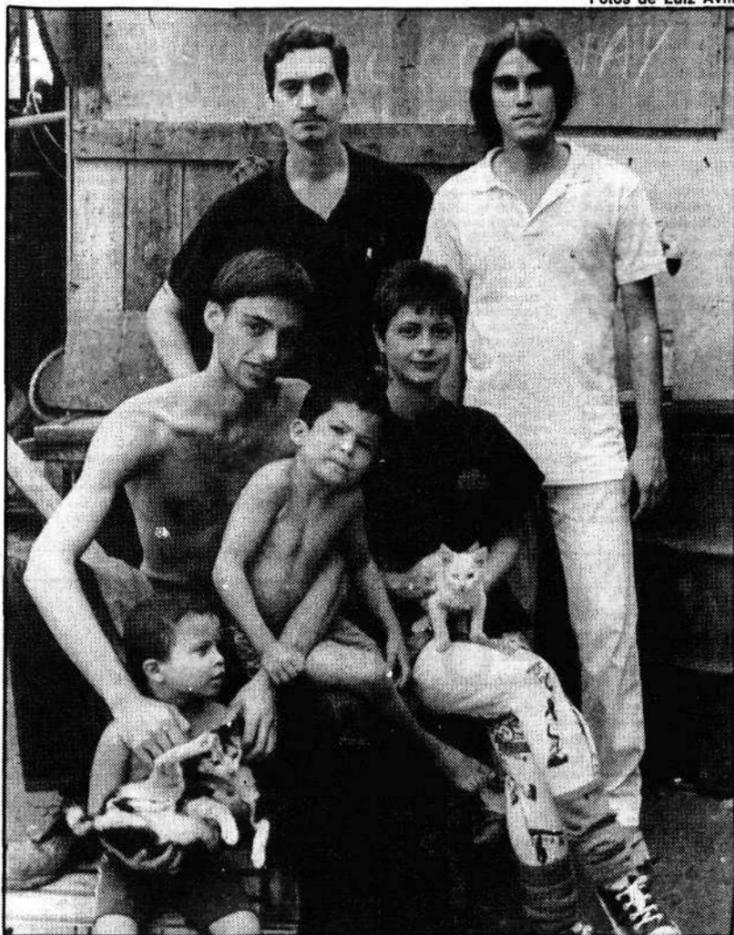
— Acho que a maioria dos artistas não entendeu muito bem a proposta. Havia coisas como recortes de jornal com bandeirinhas, trabalhos primários, quase infantis.

Segundo o crítico, isso reflete a crise do salão, que precisa de uma reformulação urgente, de uma reflexão, para que ele volte a estimular os artistas. Opinião compartilhada por Maurício Bentes, presidente da Associação de Artistas Plásticos Profissionais do Rio, e ganhador do segundo prêmio pelo seu losango de aço cortado diagonalmente a maçarico. Para ele, a idéia de um salão temático introduzida este ano já é um passo, mas é preciso muito mais para revitalizar algo que em si ele condena:

— Claro que a forma ideal é acabar com os salões e utilizar esta verba para estimular a produção dos artistas de outras formas, mas o salão é uma coisa importante para os artistas novos, funcionando como vitrine. O que mais me agradou foi a possibilidade de incluir na minha obra, sem mudá-la, o caráter político que é algo ausente nessa nova geração.

O fato é que a introdução de um tema para as obras e a exigência de que elas fossem apresentadas como bandeiras para serem penduradas, trabalhadas nas duas faces, acabou assustando muita gente e as 2.500 inscrições que o Salão Carioca recebia em média nos anos anteriores se reduziram a apenas 205. "Um tema único acaba sendo prejudicial num salão como este, que tem um grande fluxo de jovens", diz o pintor Adriano de Aquino, membro do júri. Para completar, grande parte das obras não se enquadrava no regulamento, e foi cortada, como a estrutura de pau-a-pique com a forma da bandeira brasileira e pás e enxadas cravadas, de Ricardo Ventura. Segundo consenso do júri, a explicação é simples: ao invés de uma bandeira, o artista apresentou uma obra de arquitetura, de 600 quilos.

Mas, apesar de recusado pelo júri, o trabalho de Ventura poderá ser visto no salão, junto com obras de



Os "rejeitados": Colossi e Ricardo (de pé), Marcelo e Ana Durães (sentados)

dez outros artistas. Ou melhor, será uma espécie de salão de recusados, instalado atrás do salão titular com autorização concedida pela coordenadora do evento, Lília Kupperman. Isso para impedir que os artistas cumprissem a ameaça de expor seus trabalhos à entrada da estação do metrô, sendo vistos pelo público antes do próprio salão. Curiosamente, esse salão alternativo pode acabar atraindo mais atenção do que os artistas selecionados, principalmente graças à grande instalação que está sendo preparada pelos recusados Ricardo Ventura, Ana Durães, Colossi e Marcelo Brantes.

É "A casa", que se pretende um grande caos, reunindo as obras inscritas, fotografias, trabalhos em pedra, metal e pano, e um vídeo que começa no metrô de Pequim, passa pelo de Paris e desemboca no do Rio, recheado de depoimentos de gente como o poeta Jorge Mautner. "Fomos recusados do salão, mas iremos participar da Constituinte", diz Colossi. "Estou achando ótimo ter sido recusado, porque com isso nos juntamos e o trabalho cresceu", prefere Ana Durães, acrescentando:

— E cresceu nossa própria idéia de Constituinte. Nossa casa será a grande mistura, o país que a gente quer, essa geléia geral brasileira, um país leve, sem aquele clima de levantar uma bandeira que havia em 60. Re-

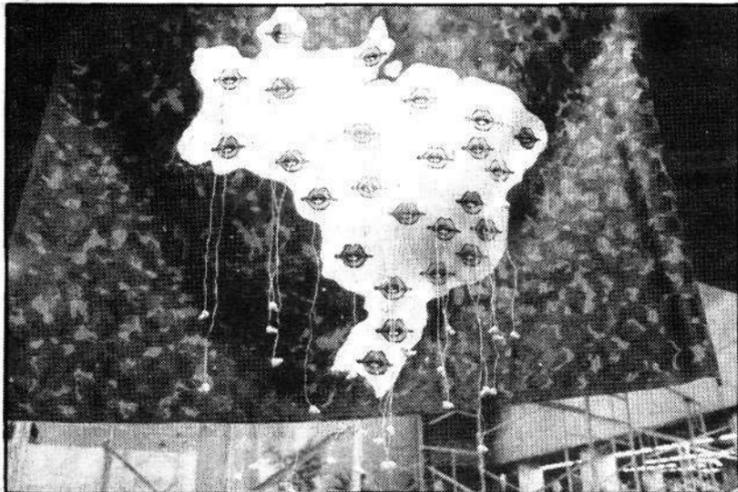
presentado de forma plástica, e não verbal. Quero mais é que os Constituintes vejam o Brasil como eu o vejo.

E nessa "casa aberta" de Ana, Colossi, Ventura e Brantes (24, 32, 25 e 22 anos, respectivamente), há espaço até mesmo para participações inesperadas, como a de Sérgio Mensageiro, 52 anos, que surgiu por acaso na estação Carioca do Metrô se autodefinindo como artista popular, pobre, feio e brasileiro ("pobre e feio nem é defeito, mas brasileiro é o fim"). Cantor e compositor, há trinta anos tentando a chance nos concursos de calouros do Chacrinha, interpretou na hora algumas de suas criações e recebeu a proposta de Ana Durães: "Você é o máximo, é a cara do nosso trabalho, e vai ter que vir fazer um show aqui na inauguração".

Mas mesmo que Sérgio Mensageiro não possa participar, devido aos "vários compromissos", a inauguração do Salão Carioca está confirmada para as 18 horas desta segunda-feira com presença de autoridades e duas performances: uma "oficial", a cargo das artistas plásticas Mirian Obino e Simone Michelin, e outra alternativa, oferecida pelos quatro recusados. A exposição ficará aberta ao público até o dia 30 de junho, no horário de funcionamento do metrô, e a entrada é franca.



O trabalho de Ricardo Ventura foi classificado de "uma obra de arquitetura"



Um dos 46 trabalhos selecionados para a exposição que será aberta hoje